



## A RIQUEZA NO BRASIL TEM AS MÃOS SUJAS COM O SANGUE DA ESCRAVIDÃO

**I**nciada no século XVI, a colonização do Brasil já é a parte do desenvolvimento do capitalismo inserida, no que Marx chama, na acumulação primitiva do capital.

A produção de mercadorias a serem comercializadas na Europa, os grandes negócios e altamente lucrativos com a escravidão de pessoas negras são parte fundamental do processo de acumulação de riqueza, ou seja, do desenvolvimento do capitalismo no Brasil e por tabela na Europa.

Neste contexto é que se pode compreender como se deu a introdução do trabalho escravo por terras brasileiras. Além de garantir produtos agrários em condições de atender o mercado europeu, o tráfico negreiro envolvia uma enorme quantidade de capital que só as grandes empresas tinham condições de participar. E, claro, pessoas muito ricas.

Pesquisas recentes dão conta que vieram cerca de 5,8 milhões de pessoas escravizadas para o Brasil, 60% de toda a população escrava das Américas. Outros milhares morreram nos porões dos navios negreiros. Foram mais de 9 mil viagens da África para as américas. Como se vê o tráfico negreiro era um negócio que envolvia muito dinheiro.

Esse capital foi fundamental para os investimentos na Europa, num primeiro momento para atividades comerciais e depois para o desenvolvimento da

indústria na “fase madura” do capitalismo.

Como se vê, o desenvolvimento do capitalismo não é resultado de “homens de negócios brilhantes”, mas de uma exploração brutal e desumana.

### A ACUMULAÇÃO DA RIQUEZA NO BRASIL TEM SUA ORIGEM NA ESCRAVIDÃO

Durante mais de 3 séculos (ou seja, a maior parte da nossa história) ser rico no Brasil era sinônimo de ser dono de escravos. As pessoas escravizadas eram mercadorias como o açúcar, o tabaco ou o cavalo, vendidas, compradas ou trocadas, ou seja, uma “coisa”.

O trabalho escravo negro está na base da formação do Estado brasileiro e das primeiras gerações da burguesia do país.

E não se trata de algo muito distante na nossa história. As plantações de café, já no final do século XIX, um produto que enriqueceu muitas famílias – os chamados barões do café que habitavam os casarões da Avenida Paulista em São Paulo – concentravam a maioria das pessoas escravizadas no país.

E em torno da escravidão havia vários negócios como o tráfico, o parlamento fazendo as leis para proteger os donos de escravos, o judiciário e o aparato repressivo estatal para reprimir as rebeliões escravas, etc.

Como forma de justificar uma sociedade em que as pessoas eram mercadorias se construiu



um conjunto de relações sociais e ideologias: o racismo foi acompanhado da imposição da ideia de que os africanos eram inferiores, a coisificação de negros e negras, a naturalização de estupros de negras realizados pelos donos de escravos, o preconceito, a satanização de danças e rituais africanos, etc. Ideias tão fortes que ainda fazem parte do nosso cotidiano.

Também deve ser destacado o papel da Igreja Católica. Como religião oficial era parte desse esquema e cumpria a função de legitimação com a cristianização forçada através do batismo, da proibição dos rituais e, como proprietária, da comercialização de escravos já que em vários conventos e ordens religiosas haviam pessoas escravizadas.

Queiram ou não essa é a história da formação do Brasil. A exploração que a classe trabalhadora brasileira ainda está submetida é um capítulo dessa história, em que negros e negras são obrigados a se submeterem aos empregos mais precarizados, aos salários mais baixos e enfrentarem a maior taxa de desempregados.

É, portanto uma riqueza com marca de sangue e de mortes de pessoas escravizadas. Não nos resta outro caminho que não seja o de superar o da exploração!

## A JUVENTUDE NEGRA DA CLASSE TRABALHADORA

Em todos os dados sociais e econômicos a população negra está em desvantagem em relação à população branca. Somos livres assim? Aqui, destacaremos a situação juventude.

### O GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA

Dos assassinatos de jovens entre 15 e 29 anos de idade, cerca de 30 mil, no Brasil, **23.100 são negros**, ou seja, 70% do total. A taxa de homicídio de jovens negros é 4 vezes superior à de jovens brancos: 36,9 negros e 9,6 brancos por cada 100 mil pessoas.

Nos últimos anos, enquanto entre os **brancos** a taxa de homicídio **caiu** 26,1%, entre os **negros** **creceu** 46,9%. Essa é a mediana nacional.

Em 16 estados houve aumento proporcional da diferença de mortes de negros em relação à “não negros”. Em Sergipe, por exemplo, essa diferença foi de 171%!

### VIOLÊNCIA POLICIAL

A ação policial também tem como alvo em geral a população negra, seja com prisão ou morte. E a juventude negra da periferia sofre ainda mais com essas ações.

Entre os anos de 2009 e 2011, 61% das vítimas de morte por policiais eram negras. Quando se considera os jovens entre 15 e 19 anos, duas de cada três mortes pela Polícia Militar eram negras. Em relação às prisões em flagrantes: são presos 2,5 negros para cada 1 branco.

Em alguns estados é ainda mais alarmante. A taxa nacional de encarceramento de negros é de 292 por 100 mil habitantes (é muito alto!),

mas em São Paulo e em Santa Catarina esse número pula para 595 e 566 por 100 mil habitantes, respectivamente.

### SISTEMA CARCERÁRIO

Boa parte dos que não são mortos pela polícia estão encarcerados. Dos cerca de 24 mil adolescentes no sistema carcerário, 57% são negros.

Crimes contra o patrimônio ou envolvimento com drogas representam 70% dos motivos. E 12% estão relacionados aos crimes contra a vida.

Em relação ao tempo para cumprimento de pena para esses crimes: para o primeiro, previsão inferior ao de 8 anos. Para o segundo, ao de 4 anos. E parte significativa está presa sem ainda ter sido julgada, a chamada “prisão provisória”.

Vê-se que o foco nem é o crime mais grave, mas o relativo à defesa do patrimônio.

### ENCARCERAMENTO EM MASSA

Vivemos em uma das mais profundas crises do capitalismo. E toda crise desse sistema tem uma regra: a riqueza fica concentrada nas mãos de poucas pessoas, enquanto a maioria fica ainda mais pobre, desempregada, sem acesso à escola, ao lazer, dentre outros problemas.

E o que a burguesia faz? Inicia o

extermínio dos “indesejáveis”, isto é, mata e prende aqueles que podem se rebelar contra essas injustiças, fazer uma revolução e mudar as coisas a favor da classe trabalhadora e dos pobres.

Mas a burguesia, o governo e seu Estado não podem matar todos. Por isso adotam outras formas de parar a juventude como o encarceramento em massa, ou seja, jogam na prisão para manter essas pessoas sob controle.

O resultado é que a população carcerária tem hoje mais de 650 mil pessoas, cresceu 618% desde os anos 90. E desses, aproximadamente 35% estão presos sem condenação. Também desses, os negros representam cerca de 60%.

### COINCIDÊNCIA?

Não é. Trata-se de uma política da burguesia brasileira, que utiliza o Estado, de um lado, para exterminar a juventude negra e, de outro, para impor o controle social sobre os negros em geral e sobre a juventude negra em particular.

Dizemos Estado porque não envolve só as polícias, mas todas as instituições. Os governos elaboram essas políticas e o Ministério Público em conjunto com o Judiciário atuam no encarceramento.

Um exemplo é o número de mortes de jovens decorrentes de “autos de resistência”, quando os policiais justificam a ação por ter havido resistência à prisão. No Rio de Janeiro, 99% dos inquéritos são arquivados por orientação do Ministério Público sem qualquer investigação das circunstâncias das mortes.

O capitalismo cria seus preconceitos, discrimina, explora e quando não suporta, elimina. Eliminemos o capitalismo!



## DESIGUALDADE, RACISMO E MACHISMO CONTRA AS MULHERES NEGRAS

A mulher negra, no Brasil, tem sofrido muito com as duras consequências da crise estrutural, que além de retirar direitos e intensificar a exploração da classe trabalhadora de conjunto leva a retrocessos ainda maiores essa parcela.

A aprovação da Reforma Trabalhista e da Terceirização Irrestrita, no governo Temer, atingem

profundamente a população negra e, em particular, as mulheres negras. E a aprovação da Reforma da Previdência não será diferente.

### AS MULHERES NEGRAS E AS CONSEQUÊNCIAS DAS REFORMAS

Hoje essa parcela da população já é a que possui a renda mais baixa. Embora tenha tido um crescimento significativo

nos últimos anos, segundo o IPEA, ainda assim continua sendo a menor. E possui também taxas de desempregos maiores. Tudo isso mesmo tendo aumentado os níveis de escolaridade das mulheres negras nos últimos dez anos, isto é, de 4,2 para 7,1 anos de estudo.

Com o acordado prevalecendo sobre o legislado, com a terceirização da atividade-fim, com a carteira assinada

sendo substituída por contrato, etc. as mulheres negras arcarão ainda mais com a intensificação da precarização do trabalho.

E se a Reforma da Previdência for aprovada o caminho será o mesmo. Além de já começar a trabalhar cedo e trabalhar mais horas diariamente, as mulheres negras arcarão ainda mais com uma das consequências da precarização que é o aumento do trabalho informal, isto é, sem carteira assinada, o que dificultará ainda mais a contagem de tempo para sua aposentaria.

Quando levamos em consideração a expectativa de vida de 60 anos, levantada pelo IBGE, o tempo de trabalho necessário e os 49 anos de contribuição previdenciária para receber um salário integral na aposentadoria, podemos imaginar o quanto essa Reforma atingirá as mulheres negras e a sua qualidade de vida já que são a maior parte do setor mais precarizado.

### VIVER E LUTAR COMO FORMAS DE RESISTÊNCIA À VIOLÊNCIA CAPITALISTA

Não bastando esse tipo de violência institucionalizada em que alteram as leis para favorecerem a exploração e a discriminação observada em cada um desses ataques. Podemos ainda observar o aumento da violência machista e racista, pois o

assassinato de mulheres negras subiu em 22% nos últimos anos.

Essas informações comprovam a importância da resistência e das lutas das mulheres e, especialmente, das mulheres negras para sobreviverem e de forma independente. E indicam ainda a necessidade de intensificação das lutas e da organização nesse próximo período.

Menores salários e maior desemprego, mesmo tendo avançado na escolarização, demonstram o que o capitalismo reserva para parcelas da classe trabalhadora níveis ainda maiores de exploração e para isso se utiliza da discriminação, do racismo e do machismo para se reproduzir.

Nós, mulheres da classe trabalhadora, necessitamos reagir a tudo isso e precisamos nos fortalecer com a luta e a organização em cada local de trabalho, estudo e moradia para combater cada um desses ataques, impedir que essas várias formas de violência se intensifiquem e continuem tirando nossas vidas.

Essa tarefa deve ser também assumida por toda a classe trabalhadora para enfrentar os ataques dos patrões e dos governos, além de combater em seu próprio

seio a discriminação, o racismo e o machismo que a cada dia são ainda mais assumidos por setores de nossa classe que colaboram com a classe que nos humilha, a burguesia.

## ES CRAVA

Vende-se uma escrava, no pateo de S. Bento, quarta casa do canto da rua da Boa Vista. 3-3

Correio Paulistano, 23/4/1876

Fato comum no século XIX no "mercado de escravos"

### O MITO DA DEMOCRACIA RACIAL

Nos Estados Unidos o racismo sempre foi uma política de Estado. Nos ônibus os negros não podiam sentar no banco da frente, eram proibidos de frequentar escola, eram proibidos de realizar manifestações, etc. Era um racismo direto, assumido.

Já no Brasil o combate ao racismo é uma das batalhas mais difíceis, pois é mascarado. Leis o proibem e o discurso oficial é o de que há igualdade entre negros e brancos.

Por trás desse discurso tem um mito, construído há décadas, que serve só para esconder o racismo e merece ser desmascarado: de que vivemos em uma democracia racial.

É como se no Brasil convivêssemos de forma harmoniosa e pacífica entre as raças por conta da mistura e da miscigenação "voluntária" que não ocorreu em nenhum outro lugar do mundo.

Com isso a burguesia brasileira quer provar que não há diferenças entre as raças, que as oportunidades são iguais para todos e que o sucesso ou insucesso só depende da dedicação de cada. Dessa forma, faz o discurso do mérito para desconsiderar o processo histórico de exclusão da população negra desde a chamada abolição.

Contudo, no cotidiano, negros e negras vivem situações de racismo, de violências e de desigualdades como demonstram todos os indicadores.

Para lutarmos contra o racismo é fundamental o reconhecimento de sua existência. Por isso, a burguesia brasileira faz de tudo para escondê-lo e nós fazemos de tudo para mostra-lo! Queremos pôr fim ao racismo e a tudo que o sustenta!

## ALGUNS DADOS DAS DESIGUALDADES

No acesso aos serviços públicos como Educação universitária, moradia, etc. e em todos os indicadores sociais, negros e negras estão sempre com os índices mais baixos.

A necessidade de trabalho desde jovem e a pobreza das famílias empurram os jovens negros para fora da escola. Isso faz com que a taxa de analfabetismo seja de 11,2% entre os pretos e entre os brancos seja de 5%. Para a população acima de 18 anos 62% da população branca conseguiu completar o ensino fundamental, já entre os negros é de 47%.

E no "mundo" do trabalho, os capitalistas, além de pagarem os salários mais baixos, criam um conjunto de relações que agravam ainda mais as desigualdades: A renda de negros é em média 56% daquilo que um trabalhador branco recebe.



Os postos de trabalho oferecidos são os mais precários e degradantes mesmo quando negros e negras possuem alto grau de escolaridade. Sujeitam às maiores taxas de desemprego. Enquanto 10,3% de trabalhadores brancos estão desempregados sobe para 15,8% entre pretos e 15,1% entre pardos.

Na estrutura de cargos apenas 6,3% ocupam gerência e 4,7% no quadro executivo.

# UMA HISTÓRIA DE LUTAS E DE RESISTÊNCIA

Os livros de História, inclusive os que circulam nas escolas públicas, estão recheados de falsidades sobre a luta de negros e negras contra a escravidão, até mesmo de autores renomados em que, provavelmente, o mais famoso seja Gilberto Freire.

A teoria de Freire, de forma resumida, é a de que houve de forma consensual e harmônica uma miscigenação entre negros, índios e brancos. Segundo esse autor havia uma “doçura” nas relações entre escravo e seu dono.

Além de ser uma teoria que busca contribuir para perpetuar o racismo, traz um elemento de negação das lutas contra a escravidão, ou seja, de que o negro se acomodou à condição de escravo, daí predominando uma relação pacífica entre o escravizado e o senhor dos escravos.

Um monte de livros e textos foram escritos se apoiando nessa tese como o de João José Reis que chegou a afirmar que “parece que não lhe convinha trocar a escravidão pura pela escravidão assalariada”.

Outra falsidade comum na nossa história é retirar o papel de protagonismo dos escravizados. Tentam apresentar a história brasileira como a de homens ricos, intelectuais e brancos. Mesmo na luta pela abolição são os abolicionistas brancos (como Joaquim Nabuco) que aparecem nos

livros de História. Luiz Gama, por exemplo, negro e destacado ativista é completamente desconhecido pela História oficial. Não é por acaso.

Joaquim Nabuco era deputado pela província de Pernambuco e defendia a abolição via parlamento, com indenização, era contra as rebeliões nas senzalas e agitações públicas. Já Luiz Gama defendia que “o escravo que mata o senhor, seja em que circunstância for, mata sempre em legítima defesa”.

## AS VÁRIAS FORMAS DE RESISTÊNCIA

O fim da escravidão não foi obra da Princesa Isabel, isso já é sabido. Foi fruto da luta de mais de 350 anos.

Os negros e negras escravizados no Brasil (e em outras partes do mundo) resistiram a essa condição desde o momento da captura na África. Eram derrotados, mas resistiam. O poder de fogo das armas e as táticas de combate dos traficantes de pessoas escravizadas pesavam a seu favor.

Quando chegavam aqui as formas de resistência também se diversificavam. O cotidiano era de resistência. As fugas, matar senhores e feitores, a organização dos quilombos, as inúmeras rebeliões lideradas por escravizados, a participação ativa em rebeliões



populares como a Cabanagem no Pará, eram radicalizadas.

Havia também várias outras formas mais amplas como resistir ao trabalho através da quebra de instrumentos, a automutilação, os infanticídios, a morosidade e outros atos contrários aos interesses dos seus donos.

Mas, sem dúvida, a melhor expressão e mais consistente forma de resistência eram os quilombos. Quando se aquilombavam não só se libertavam da condição de “coisa”, passavam a construir relações sociais de igualdade no trabalho, de apropriação coletiva daquilo que produziam e com a organização para manter de pé os quilombos tornavam-se sujeitos de sua história e podiam resgatar práticas de liberdade e até mesmo dos rituais proibidos.

Enfim, não havia uma pacificação ou acomodação dos escravizados em relação às relações escravocratas, o que havia era muita resistência!

## CAPITALISMO E RACISMO

Na história da humanidade, só o modo de produção capitalista escravizou pessoas por conta da cor da pele. E lucrou muito com essa escravização. Mas se engana quem pensa que isso está no passado.

Mesmo com a “abolição da escravidão” e a “liberdade do trabalho assalariado”, os capitalistas continuam lucrando com a “pele negra”, pois negros e negras recebem os menores salários, têm pouco acesso aos serviços públicos como saúde e Educação de qualidade, sofrem com a violência policial e judicial, etc.

Por isso que o capitalismo nunca vai acabar com o racismo, se utiliza dele para aumentar seus lucros. Como disse Malcolm X: “Não existe

capitalismo sem racismo”. A luta contra o racismo deve ser parte da luta contra o capitalismo e a exploração!

## A LUTA É DE TODA CLASSE TRABALHADORA

Uma das tarefas mais importantes de lutadores e lutadoras é reproduzirmos junto à classe trabalhadora que a reprodução do racismo se volta contra a nossa própria classe, pois a burguesia se aproveita da divisão entre brancos e negros para intensificar a exploração sobre toda a classe trabalhadora.

É fundamental que as pautas “específicas” de negros e negras sejam assumidas por toda classe trabalhadora, isto é, o direito às cotas proporcionais (universidade, trabalho, concurso, etc.), salário igual, dentre outras tantas.

A unidade entre explorados negros e brancos será fundamental para derrotarmos os ataques, os governos burgueses, o capitalismo e construirmos uma sociedade sem racismo. E sem a parte negra da classe trabalhadora não haverá a revolução socialista.

O capitalismo é racista. Só o socialismo poderá acabar com toda diferenciação entre as pessoas. Como diz Rosa Luxemburgo: “Por um mundo onde sejamos socialmente iguais, humanamente diferentes e totalmente livres”.

Material é parte integrante do jornal 105 “online”

### CONTATOS

espacosocialista@hotmail.com  
facebook.com/espacosocialista1  
www.espacosocialista.org